

CRUZANDO RUAS, CAMINHOS, RIOS E FRONTEIRAS DO CONHECIMENTO: O COTIDIANO DA PROFESSORA DE GEOGRAFIA

Cirlene Batista dos Santos¹
Ivani Ferreira de Faria²

RESUMO

Resumo

Este trabalho discute o cotidiano da prática docente de uma professora de Geografia que atua em escola pública de periferia e em comunidades indígenas, evidenciando como a aprendizagem pode se configurar como um espaço de resistência e produção de saberes. A investigação foi realizada por meio de observação participante, rodas de conversa, registros de aulas e análise de materiais produzidos pelos estudantes, como cartogramas e projetos interdisciplinares. A fundamentação teórica dialoga com a pedagogia decolonial (WALSH, 2009; QUIJANO, 2005), a pedagogia crítica (FREIRE, 1996) e as Epistemologias do Sul (SANTOS; MENESES, 2009), destacando a necessidade de romper com a lógica eurocêntrica ainda presente no currículo escolar. Os resultados apontam que, ao adotar metodologias participativas e práticas enraizadas no cotidiano, a professora promoveu deslocamentos epistemológicos e subjetivos que fortaleceram o protagonismo estudantil e resignificaram a aprendizagem geográfica. Conclui-se que a Geografia, quando articulada às experiências vividas e saberes locais, torna-se um instrumento de transformação social e epistêmica, reafirmando a sala de aula como território de resistência, escuta e construção coletiva.

Palavras-chave: Educação geográfica; pedagogia decolonial; território; protagonismo estudantil; metodologias participativas.

RESUMEN

Resumen

Este trabajo analiza el cotidiano de la práctica docente de una profesora de Geografía que actúa en una escuela pública de la periferia y en comunidades indígenas, destacando cómo la enseñanza puede configurarse como un espacio de resistencia y producción de saberes. La investigación se realizó mediante observación participante, círculos de diálogo, registros de clases y análisis de materiales elaborados por los estudiantes, como cartogramas y proyectos interdisciplinarios. El marco teórico dialoga con la pedagogía decolonial (WALSH, 2009; QUIJANO, 2005), la pedagogía crítica (FREIRE, 1996) y las Epistemologías del Sur (SANTOS; MENESES, 2009), subrayando la necesidad de romper con la lógica eurocéntrica aún presente en el currículo escolar. Los resultados señalan que, al adoptar metodologías participativas y prácticas enraizadas en el cotidiano, la profesora promovió desplazamientos epistemológicos y subjetivos que fortalecieron el protagonismo estudiantil y resignificaron el aprendizaje geográfico. Se concluye que la Geografía, cuando se articula con las experiencias vividas y los saberes locales, se convierte en un instrumento de transformación social y epistémica, reafirmando el aula como territorio de resistencia, escucha y construcción colectiva.

Palabras clave: Educación geográfica; pedagogía decolonial; territorio; protagonismo estudiantil; metodologías participativas

¹ Doutoranda em geografia pelo Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas-UFam, cirlenegeografa@gmail.com;

² Professor orientador: Professora do Programa de Pós Graduação em Geografia, da Universidade Federal do Amazonas-UFAM fariaivani@gmail.com

INTRODUÇÃO

Em um meio a um contexto marcado por profundas desigualdades territoriais e epistemológicas, o espaço escolar configura-se como um lugar de (re) conhecimento dos saberes que emergem das fronteiras do saber. Este texto propõe uma travessia pela trajetória de uma professora de Geografia onde o aprendizado também é um ato de resistir, e onde as fronteiras do conhecimento são constantemente tensionadas entre o currículo oficial, as vivências dos estudantes e as práticas pedagógicas. Ao cruzar ruas, caminhos e rios reais e simbólicos a prática docente revela-se como um processo de mediação entre mundos, e territórios vividos.

O acompanhamento do trabalho pedagógico desenvolvido a e as metodologias utilizadas em sala de aula em escola pública da periferia e em comunidades indígenas. Se delineia na própria invisibilidade recorrente do trabalho docente periférico e na necessidade de compreender como as metodologias participantes podem construir outros modos de aprender Geografia.

O ponto de partida é a compreensão de que o aprendizado de Geografia não se limita à memorização de conteúdos cartográficos ou à reprodução de classificações espaciais, mas constitui um instrumento fundamental para a leitura crítica do mundo e a construção de cidadanias inclusivas.

Figura 1- Estudantes indígenas em São Gabriel da Cachoeira- AM



Figura 2 Estudantes de escola publica na periferia de Manaus-AM



O objetivo central é evidenciado como a professora articula sua prática a partir de uma escuta sensível dos estudantes, utilizando estratégias que valorizam os saberes locais e promovem uma leitura crítica do espaço geográfico. Entre os objetivos específicos, destaca-se a análise das metodologias utilizadas, das interações em sala e dos desafios enfrentados diante das estruturas escolares engessadas.

METODOLOGIA

A metodologia se baseou em observação participante, rodas de conversa, registros de aulas e análise de materiais produzidos pelos estudantes, como cartogramas, projetos interdisciplinares e relatos de experiências vividas. As atividades foram desenvolvidas de forma participante, priorizando metodologias decoloniais que ressignificassem o aprendizado da Geografia a partir das realidades e experiências dos sujeitos envolvidos.

As discussões apontaram que, ao romper com as práticas coloniais de ensino (FREIRE, 1996) e dar centralidade às vivências territoriais dos estudantes, a professora criou um espaço pedagógico de escuta, pertencimento e produção de conhecimento, através das atividades “mão na massa” que permitiram que os estudantes se reconhecessem como sujeitos geográficos, elaborando atividades críticas sobre os seus territórios.

A investigação foi desenvolvida ao longo dos anos de experiência trazendo ênfase ao ano letivo em escolas de periferias e comunidades indígenas, acompanhando de forma contínua o cotidiano de sala de aula, as interações entre professora e estudantes, e as atividades pedagógicas que articulavam saberes geográficos com foco nas práticas que buscavam o aprender fazendo, promovendo uma educação geográfica decolonial.

Essa metodologia buscou, portanto, não apenas observar uma prática, mas construir com ela, em um movimento de escuta e autoria, trocas de conhecimentos, coerente com os princípios decoloniais que também orientam a aprendizagem investigada.

A pedagogia crítica, inspirada em Paulo Freire, enfatiza a importância de uma educação que parte da realidade dos alunos, promovendo uma aprendizagem significativa e transformadora. A professora buscou adotar práticas pedagógicas que valorizam as experiências dos estudantes, utilizando metodologias participantes e decoloniais que ressignificam o aprendizado de Geografia a partir das realidades e experiências dos sujeitos envolvidos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A prática pedagógica vivenciada pela professora também dialoga com os aportes das epistemologias do Sul, especialmente com as contribuições de Santos e Menezes (2009), que denuncia a lógica da monocultura do saber e propõe a valorização de saberes subalternizados,

tradicionalmente excluídos dos processos de produção científica e educacional. Nesse contexto, a aprendizagem de Geografia torna-se um território de reexistência, no qual os saberes dos estudantes não apenas têm espaço, mas são centrais na produção do conhecimento.

A pedagogia decolonial, conforme discutida por Catherine Walsh (2009) e Aníbal Quijano (2005), trazem a necessidade de romper com a colonialidade do saber que ainda estrutura grande parte das práticas pedagógicas. A colonialidade não se refere apenas ao que já aconteceu com as transformações da colonização, mas à persistência de uma lógica de poder que hierarquiza conhecimentos, pessoas e territórios. A proposta metodológica vivenciada pela professora em suas práticas pedagógicas busca, desconstruir essa lógica ao reconhecer a sala de aula de periferias e comunidades indígenas como um espaço produtor de saberes e vivências válidas.

Desta forma, o referencial teórico sustenta a compreensão da aprendizagem de Geografia como prática crítica, territorial e decolonial, em diálogo constante com o cotidiano dos sujeitos, com seus saberes e com as contradições do espaço em que vivem. É a partir desses olhares que se interpreta a vivência da professora e o sentido de sua travessia pedagógica entre ruas, caminhos, rios e fronteiras do conhecimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A vivência da professora evidenciou que a prática pedagógica decolonial rompe com a lógica colonial e eurocentrada ainda presente no currículo escolar tradicional. Por meio de metodologias que valorizam o cotidiano, o território e os saberes dos estudantes, ela reconfigura a sala de aula como um espaço de escuta, criação e resistência.

Além disso, a professora procurou em suas práticas tornar o estudante protagonista em suas ações de aprendizado, em oposição à reprodução de conteúdo frequentes salas de aulas convencionais. Ao se verem protagonistas, os estudantes passaram a se apropriar da Geografia como ferramenta de análise crítica do seu entorno

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Narrativa demonstra que as metodologias decoloniais podem transformar a sala de aula em território de escuta, construção coletiva e valorização dos saberes, revelou que, ao cruzar as fronteiras do currículo prescrito e incorporar experiências vividas pelos estudantes, a professora não apenas ensina conteúdos geográficos, mas promove deslocamentos

epistemológicos e subjetivos que fortalecem o protagonismo estudantil e ressignificam o espaço escolar.

O aprendizado de Geografia, quando aliado a práticas reflexivas e enraizadas no cotidiano, torna-se um instrumento de transformação social e epistêmica. Ao cruzar fronteiras sejam elas físicas, simbólicas ou curriculares a professora reconfigura o papel da escola como espaço de resistência e construção de saberes múltiplos. Essa travessia, portanto, reafirma a importância do ensino como prática territorial e política.

A experiência aqui analisada contribui empiricamente para o campo da educação geográfica ao trazer uma prática que articula currículo, identidade, território e resistência. Essa contribuição, no entanto, não deve ser tomada como modelo fechado, mas como ponto de partida para novas investigações que levem em consideração os múltiplos contextos escolares e as realidades diversas do território brasileiro.

REFERÊNCIAS

FARIA, I. F. Metodologias Participantes e conhecimento indígena: uma proposta intercultural para autonomia. Manaus: CES, 2016.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MIGNOLO, W. D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Cadernos de Letras da UFF, n. 37, p. 287–324, 2008.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2005. p.118-142.

SANTOS, B. de S; MENESES, Maria Paula. Epistemologias do Sul. Coimbra: Edições Almedina, S.A., 2009.

WALSH, Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial. In: CANDAU, V. M. (Ed.). . Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7letras, 2009b. p. 12–42.